

Aproximações entre Moreno e Vigotski na pedagogia psicodramática:

contribuições para a pesquisa

Resumo: Neste artigo, apresentamos a pedagogia psicodramática construída por María Alicia Romaña, destacando dois autores cujas ideias são referência conceitual e metodológica desta proposta pedagógica – Moreno e Vigotski. Apresentamos fundamentos da socionomia e da psicologia histórico cultural que diferenciam a pedagogia psicodramática dos métodos tradicionais. As duas abordagens propõem um modelo dinâmico e interacional dos fenômenos sociais e consideram o homem como ser histórico e relacional. Suas propostas de construção psíquica do ser humano favorecem a investigação e a análise dos fenômenos psicológicos em sua processualidade. O tema em pauta pode contribuir para a qualidade metodológica de pesquisas e de intervenções no campo socioeducacional, e nos leva a refletir sobre o papel do psicodramatista-pesquisador como sujeito ativo – técnica e politicamente.

Palavras-chave: Pedagogia psicodramática; Socionomia; Psicologia histórico cultural; Pesquisa-intervenção.

Introdução

Preocupada com as relações entre os binômios metodologia-aprendizagem, conhecimento-afetividade e sujeito-grupalidade, Romaña¹ encontrou na socionomia – ciência criada por Moreno², um caminho para a construção da pedagogia psicodramática – uma proposta pedagógica que se estabelece como um método de intervenção.

Romaña, partindo de sua *práxis* como educadora – nas décadas de 1950 e 1960 – e fortalecida pelas bases teórico-metodológicas do psicodrama, criou um método que inicialmente denominou *método educacional psicodramático* e que, mais tarde, em

¹ Maria Alicia Romaña (1927-2012), argentina, educadora e pedagoga, trabalhou com o psicodrama e residiu em São Paulo, de 1976 a 2005. Fez parte da primeira turma de formandos em psicodrama, pela Associação Argentina de Psicodrama, na década de 1960. Apresentou a ideia do Psicodrama Pedagógico para Moreno, no IV Congresso Internacional de Psicodrama, em 1969, em Buenos Aires, e formou psicodramatistas no foco socioeducacional – não psicoterápico, no Brasil (Romaña, 2019).

² Jacob Levy Moreno (1889-1974) construiu a Socionomia – ciência das leis grupais – mundialmente conhecida por psicodrama, estabelecendo seus fundamentos e métodos. Psiquiatra e cientista social, tornou-se um reformador social, e seus estudos de redes sociais lançaram as bases para as atuais mídias sociais (Moreno, 2016). Neste escrito, por vezes, utilizaremos socionomia e psicodrama como sinônimos.

função da ampliação do escopo conceitual e técnico, redefiniu como *pedagogia psicodramática* (Romaña, 1987; 2012).

Romaña adotava a seguinte visão do psicodrama: “o psicodrama é uma combinação equilibrada de trabalho em grupo, desenvolvido num clima de jogo e liberdade, que alcança sua maior expressão quando articulado no plano dramático ou teatral” (Romaña, 1987, p. 13). A partir de seu trabalho de formação de psicodramatistas no Brasil, ela pôde associar as possibilidades de realização dramática, destacando a concepção e a vivência dos planos real, simbólico e imaginário (ou da fantasia) como preciosos recursos do método psicodramático.

A grande satisfação de Romaña foi conseguir um avanço no método, agregando suas bases pedagógicas e uma unidade básica – filosofia e fundamentos teóricos – encontrada na socionomia. Embora não tenha sido sua intenção primeira, ao criar a pedagogia psicodramática, Romaña definiu um marco referencial no campo de ação do educador – diferenciando, no âmbito do psicodrama, a aplicação *didática* dos métodos (em diferenciação à aplicação psicoterápica). No âmbito educacional, procedimentos de pesquisa fundamentados na pedagogia psicodramática podem favorecer a manutenção do conjunto metodológico dentro do escopo *não-clínico* (Romaña, 1987; 2019).

Romaña (2019) propôs a correlação entre realização dramática e compreensão lógica, nos trabalhos de jogos de papéis e na estruturação de procedimentos educacionais – tanto em pesquisa-intervenção quanto em aulas, na escolha de métodos e de conteúdos de ensino.

A pedagogia psicodramática é, portanto, uma proposta que parte do reconhecimento do valor educativo presente nos princípios e nos elementos constitutivos da socionomia – conceitos, visão de mundo e visão de ser humano de Moreno, bem como da tríade instrumental: grupo, jogo e teatro. No ano de 1985,

Romaña lança o livro *Psicodrama Pedagógico*, em que traz suas experiências realizadas na Argentina; em 1992, publica *Construção Coletiva do Conhecimento através do Psicodrama*, com a intenção de oferecer conhecimentos de didática – que considerava indispensáveis aos profissionais que praticavam a pedagogia psicodramática (Romaña, 2019).

Foi na década de 1990 que Romaña, preocupada com o avanço das ideias neoliberais e seus impactos na utilização da própria pedagogia psicodramática, procurou realçar o significado ideológico de suas propostas, incorporando referências do pensamento de Paulo Freire (1921-1997) e de Vigotski (1896-1934), “conformando um complexo pedagógico biopolítico que aspira fortalecer os seres humanos, ao acrescentar o componente da historicidade no pensamento” (Romaña, 2012, p. 63).

Romaña esclareceu que, àquela época, a ideia era ter um corpo teórico mais consistente para a pedagogia psicodramática, que incluísse o que havia sido sistematizado, mas que também o transcendesse. Sobre a aproximação com a psicologia histórico cultural, Romaña afirma: “A ampliação da base de sustentação veio por efeito da articulação das ideias revolucionárias de Vygotsky³ e do valor dado por ele ao simbólico” (Romaña, 2012, p. 46). Romaña esclarece que tais contribuições se somavam aos principais pontos da teoria psicodramática de Moreno, apreendendo coerências entre as ideias destes pensadores e possibilidades de outras articulações, dependendo da envergadura educacional do projeto (Romaña, 2019).

Moreno e Vigotski – contextualizando

Jacob Levy Moreno (1889-1974) – médico e cientista social – nas primeiras duas décadas do século XX, em pleno modernismo, progressista e reacionário, Vienense

³ Mantivemos a grafia empregada pela autora.

– em efervescente meio científico, cultural e político da Europa –, deu início à construção de sua ciência através do *teatro espontâneo*: seu primeiro método de pesquisa socio-terapêutico. A vida de Moreno confunde-se com a sua obra. Judeu, de origem pobre, conviveu com os movimentos do nazismo, do comunismo e do existencialismo surgidos ocultamente entre 1909 e 1913 e revelados no pós-guerra, entre 1919 e 1923. Sua visão sobre os princípios destes movimentos era a de que os nazista-alemães queriam conquistar o mundo para governá-lo, enquanto os comunistas queriam conquistar o mundo para a classe trabalhadora. Moreno se associou aos existencialistas, que consideravam a existência sagrada e afirmavam já ter o mundo, não necessitando conquistá-lo. Em janeiro de 1918, Moreno iniciou a publicação de um jornal mensal de filosofia existencialista, com a participação de poetas, dramaturgos, ensaístas, cientistas e ativistas políticos – dentre eles Martin Buber e Ernest Bloch (Marineau, 1992; Moreno & Moreno, 2014; Moreno, 2016).

Moreno se mobilizava com as questões sociais e políticas, questionava e se opunha aos modelos conservados e aos idealistas de sua época – incluindo Freud. Ele buscava, na ação junto a variados grupos, em especial naqueles menos privilegiados da sociedade – prostitutas, refugiados de guerra, desempregados – um caminho para a construção de uma nova sociedade, mais espontânea e criativa: um *tratamento para toda a humanidade* (Moreno, 1984; Moreno & Moreno, 2014).

Lev S. Vigotski (1896-1934) nasceu na Bielorrússia, era de origem judaica, teve interesses pelo teatro e pelas artes. Desenvolveu uma ampla obra sobre a teoria do homem histórico e cultural. Teve forte envolvimento com a revolução Russa de 1917 e deu início à construção de uma nova psicologia – a psicologia histórico cultural. Vigotski acreditava que uma crítica dialética das proposições idealistas e mecanicistas

da psicologia poderia promover a constituição de uma nova ciência psicológica (Romanelli, 2011; Vigotski, 1930).

Vigotski estudou e trabalhou vigorosamente, em seu reduzido tempo de vida, por uma psicologia comprometida em entender o homem concreto – ser humano inserido na realidade histórica objetiva – confirmando que o psiquismo é, ele também, uma realidade objetiva que pode ser desvelada por meio da compreensão dialética. Para Vigotski (1930), somente uma elevação de toda a humanidade a um nível mais alto de vida social – a libertação de toda a humanidade – poderia conduzir à formação de um novo tipo de homem. Para Moreno, esta revolução social seria alcançada através dos pequenos grupos (Moreno, 2008).

Nas biografias de Vigotski e Moreno, encontramos um caráter de urgência – para o agir e o criar – e um sentido social para transformar a realidade. O ser humano, tanto na psicologia histórico cultural quanto na socionomia, é construído e construtor de sua história, em seus contextos. A formação de sua subjetividade é produzida ao longo de suas experiências relacionais – um ser em relação. O ser humano é agente transformador de si mesmo, da história, e de seu meio, mediante as ações e relações que desenvolve em movimento dialético (Vigotski, 1995; Moreno, 1975).

Moreno e Vigotski na pedagogia psicodramática

Romaña descreve, em suas publicações, a aplicação dos *instrumentos*, *contextos* e *etapas* presentes na ação dramática, e os princípios filosóficos e teóricos da socionomia que possibilitaram sua proposição da pedagogia psicodramática. Ela se refere aos conceitos morenianos de *espontaneidade*, *criatividade* e *conserva cultural*. Discorre sobre a visão moreniana de ser humano como ser em relação, e da *capacidade reparadora dos grupos* – o grupo como “organismo que vai potencializando-se,

regulando-se e autogerenciando-se...” (Romaña, 2019, p. 31). Romaña destaca a *sociometria* e a teoria de *matriz de identidade*, ressaltando a sua marca nas ações humanas, inclusive na situação de assumir *papéis* (Romaña, 2019).

Para Moreno (1975), no grande palco da vida, o ser humano é ator e diretor, e os papéis que assume e joga estão em contínua transformação. A *matriz de identidade* lança os alicerces para o processo de aprendizagem emocional do ser humano. Antes mesmo de nascer, a pessoa já ocupa um espaço virtual na família e na sociedade. Esse espaço é composto pelas expectativas em relação ao novo ser, ao papel que virá a desempenhar, o clima psicológico que envolve sua presença, suas condições sociais e econômicas, ou seja, fatores materiais, sociais e psicológicos presentes no ambiente – a sua *placenta social* (Moreno, 1975; Moreno, 2008; Romaña, 2019).

Vejamos como Romaña agrega Vigotski à pedagogia psicodramática. Vigotski, como representante da corrente sócio-histórica, considera que a formação psicológica do ser humano se processa de fora para dentro – o homem é modelado pela relação com o mundo externo e com os outros homens. Vigotski (1930) afirma que o indivíduo só existe como ser social – membro de um grupo social, em um contexto, e seguindo o percurso do desenvolvimento histórico.

Vigotski fala sobre o impulso criador dos homens para a produção de *instrumentos* (objetos, máquinas e pessoas – instrumento mediador) que ampliem as suas possibilidades. Os *sistemas simbólicos*, cada dia mais complexos, são criados pelo homem a partir de *signos* e *instrumentos*. Como a *linguagem* é o sistema simbólico por excelência, é na relação linguagem e pensamento que o ser humano produz um salto qualitativo no desenvolvimento psicológico. Gradativamente, ele desenvolve suas funções psicológicas superiores: capacidade de planejar, de prever, de imaginar, de comparar, de abstrair, de dar sentido e de criar (Romaña, 2019).

Pedagogia psicodramática e pesquisa

Nery e Costa (2007) esclarecem que Moreno (1983) parte do pressuposto de que as ciências humanas produzirão análises mais completas sobre o ser humano, quanto mais este se fizer presente em sua subjetividade. A subjetividade total traz ao investigador social um retrato fenomenológico do que se passa na situação humana.

A percepção e análise de fenômenos psicológicos, tanto a partir da socionomia quanto da psicologia histórico cultural, levam em consideração a unidade dinâmica indivíduo/sociedade. Moreno (2008) pressupõe que a compreensão da intersecção indivíduo/coletividade ou do ser-humano-em-relação está no desvendamento da *tricotomia social*: as três tendências ou dimensões, quais sejam: a sociedade externa, a realidade social e a matriz sociométrica.

Na realidade externa, existem os agrupamentos tangíveis e visíveis, abertos e observáveis, que integram a sociedade humana. A matriz sociométrica é invisível ao olhar macroscópico; ela é formada por constelações, tele, átomo e moléculas sociais. A realidade social é entendida como a síntese dinâmica e a interpenetração das duas tendências. Para Moreno, o universo social concreto são os agrupamentos sociais dinâmicos, historicamente crescentes. A realidade externa – sociedade – e a matriz sociométrica não são reais e nem existem por si mesmas. A "verdade" que o pesquisador procura está na realidade social (nos grupos), produzida pela interpenetração; esta síntese dinâmica pode ser desvelada pelos métodos de ação (Moreno, 2008).

Vigotski (1995) versa sobre a necessária apreensão dos fenômenos psicológicos em sua processualidade – o que coloca em questão justamente a unidade dinâmica indivíduo/sociedade postulada pela dialética. Os autores Martins explicam o processo

funcional afetivo: emoção e sentimento, proposto por Vigotski, esclarecendo que a atividade humana é uma unidade afetivo-cognitiva, e que aspectos afetivos e cognitivos são indissolúveis na consciência (Martins & Pasqualini, 2015).

Para que se possa apreender o indivíduo em sua concretude, como base para a atuação profissional do psicólogo, é preciso enxergar para além da singularidade imediata, captando as determinações particulares e universais que condicionam a condição particular do indivíduo, analisando como sua singularidade se constrói na relação com sua genericidade. Isso é condição para uma atuação profissional crítica que tenha como horizonte a humanização do homem. (Martins & Pasqualine, 2015, pp. 370-371).

O pesquisador precisa captar, na análise – sendo necessário construir dados para isso –, as determinações singulares e universais que incidem sobre o sujeito, e que condicionam sua existência particular (Figura 1).

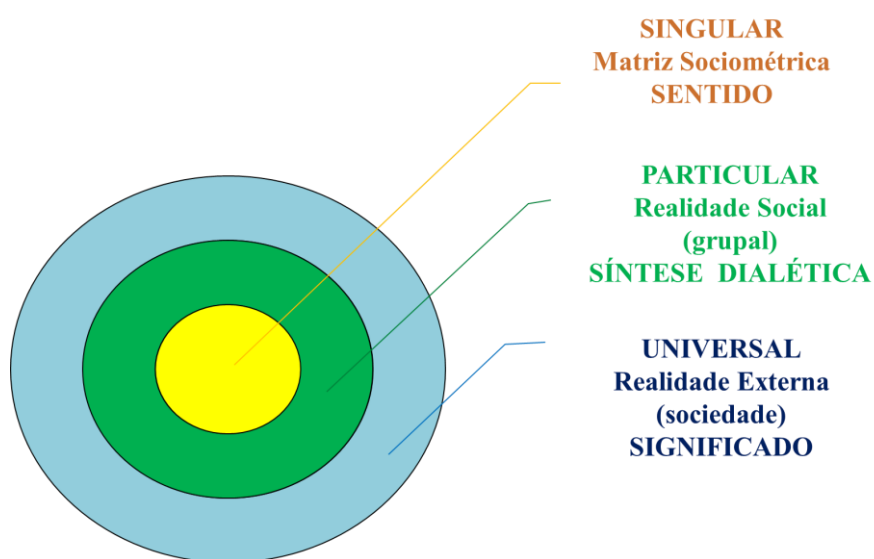


Figura 1. Unidade Dinâmica (Vigotski) e Tricotomia Social (Moreno).

Segundo Nery e Costa (2007), o paradigma científico atual coloca o pesquisador diante de desafios, na criação de critérios específicos de pesquisa no campo das ciências humanas. Um dos desafios é o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de métodos que melhor conduzam à apreensão da realidade subjetiva e interacional do ser humano. Um outro desafio diz respeito ao florescer da concepção de que o ser humano se forma nos

vínculos – não vive sem grupos, sociedade ou cultura –, o que exige o desenvolvimento de métodos de pesquisa que sejam capazes de captar a interação humana e propiciar o conhecimento dos fenômenos relacionais. Um terceiro desafio: cabe ao pesquisador o treino do *olhar*, visto que, na pesquisa ativa e interventiva, a subjetividade e a intersubjetividade são partes do processo.

Para Brito (2006), no caminho de formulações teóricas e técnicas mais criativas e comprometidas com mudanças sociais, busca-se um modelo de ciência que priorize a dimensão qualitativa da experiência humana. Segundo este autor, essas mudanças no conceito de ciência vêm permitindo maior diálogo entre as práticas cotidianas e as produções acadêmicas.

Reconhecidos como sujeitos ativos na produção de conhecimento que não é espelho de uma realidade universal, atemporal, mas produto dinâmico de relações sociais, cientistas que participam do debate epistemológico pós-moderno procuram escolher métodos de pesquisa como um “fio de Ariadne”, uma referência para transitar pelo labirinto das possibilidades de interpretação e também de transformação do real, sem negar sua complexidade e sem nos deixar devorar pela confusão. (Brito, 2006, p. 24).

É neste ponto da ciência que se encontra a socionomia e a pedagogia psicodramática. Kim (2003) considera que o pesquisador-psicodramatista dispõe de um conjunto de procedimentos de excelência prática que permitem a sistematização do conhecimento. As análises e interpretações das produções práticas é que constroem o entendimento teórico. Segundo Kim (2003), o trabalho de intervenção social é *pesquisa* na medida em que produz conhecimento sobre o problema da realidade social – o objeto de estudo –, e não apenas quando é tido como uma questão de procedimento técnico.

“A escolha da metodologia psicodramática diz respeito a um modo específico de compreender-descrever os fenômenos humanos e não apenas de observá-los ou registrá-los” (Brito, 2006, p. 53). Uma tarefa importante – a ser preservada por pesquisadores –

é o vínculo entre o método de investigação e suas bases teóricas e filosóficas. Com frequência, encontramos trabalhos ricos em descrição de dados, mas nem sempre com clareza de argumentação no eixo teórico-metodológico.

Gatti (2002) afirma que, mesmo grupos considerados "massa crítica" na produção de pesquisa em educação, não necessariamente demonstram consistência metodológica.

Ao tratar da questão de conceitos em área científica, e seus sentidos, como também, ao discutir características de um campo de conhecimentos, estamos diante não só de uma questão teórico-epistemológica, mas de uma questão histórico-social. Muito do que se faz como ciência processa-se por *consensos* [grifo do autor], mesmo que referidos a certo recorte de empiria. Ciência é construção de interpretações. Construção de interpretações é um processo humano-social-histórico. (Gatti, 2010, p. 8).

Gatti (2010) relembra que o campo de conhecimento da psicologia da educação tem como desafio tratar fenômenos com características mais abrangentes, e encontrará significado se for construído um *olhar complexo* que considere as subjetividades em desenvolvimento, em/para uma dada cultura, a partir das ações – intencionais.

Nery e Costa (2007) afirmam que a socionomia, em sua epistemologia de relação e em seu método de ação, oferece à pesquisa a qualidade formal (instrumentos e procedimentos) que nos possibilita reproduzir a experimentação e a qualidade política (relação social), e nos permite intervir em um grupo através da observação e da ação. As autoras comentam que a psicologia, na medida em que se propõe a conhecer o homem, sua vivência nos grupos e na sociedade e intervir no seu sofrimento para fornecer-lhe recursos que o ajudem a evoluir, exige superação da quantificação e dos formalismos radicais.

Uma pesquisa relacional contextual ou ecológica deve usar métodos que tratem e pesquisem não apenas o indivíduo, mas também o indivíduo em seus vínculos e grupos, assim como os vínculos e os grupos. Os métodos de ação facilitam os estudos interdisciplinares e ganham mais eficiência, quando aplicados *in situ*

[grifo das autoras]. Na situação concreta, permite-se a subjetividade em sua expressão total e, assim, é mais possível “objetivamente ver” o que é ser humano. (Nery & Costa, 2007, p. 135).

Pontes (2018) afirma que o método sociodramático trata o ser humano nas suas variadas dimensões, reunindo razão e emoção, corpo e mente, pensamento e ação, o prosaico e o poético. A pesquisa-intervenção, por meio de ações sociodramáticas, permite a compreensão de valores e sentimentos; a percepção de si e do outro e abre possibilidades a novas respostas (Pontes, 2018).

Considerações finais

As aproximações entre Moreno e Vigotski, na pedagogia psicodramática, suscita alguns debates futuros: Qual o grau de determinismo da psicologia histórico cultural e qual o grau de voluntarismo do psicodrama? Como compreender esta aproximação na perspectiva fenomenológica-dialética-existencialista? (Bernardes, 2017).

A pedagogia psicodramática, nos dizeres de sua criadora, “constitui instrumento pedagógico apropriado para enfrentar as características da sociedade atual” (Romaña, 2012, p. 57). Entretanto, o psicodramatista-pesquisador que opta pela pedagogia psicodramática não apenas troca de tecnologia de intervenção. Para além de uma *tecnologia de pesquisa* para o campo socioeducacional, almeja-se, com a pedagogia psicodramática, a consolidação de procedimentos que dialoguem com fundamentos de uma psicologia atualizada e que ampliem as possibilidades de análise nas práticas socioeducativas.

Contro (2004) discursa sobre os tempos que nos pedem novas leituras e uma necessária busca por conceitos e novas práticas, por transversalidades que nos auxiliem a lidar com a complexidade atual. Nos unimos à proposição de Contro (2011), de que sejamos psicodramatistas-pesquisadores que se ocupam das micropolíticas das relações;

de que façamos pesquisas com possibilidades de construção libertadora. Este é o sentido desta reflexão sobre a presença de Moreno e Vigotski na pedagogia psicodramática.

REFERÊNCIAS

- Bernardes, M. P. (2017). *Metodologia científica e psicodrama: Porque escrever pode ser prazeroso*. Florianópolis: Tribo da Ilha.
- Brito, V. (2006). Um convite à pesquisa: epistemológica qualitativa e psicodrama. In A. M. Monteiro, D. Merengué, & V. Brito. *Pesquisa qualitativa e psicodrama* (pp. 13-56). São Paulo: Ágora.
- Contro, L. (2004). *Nos jardins do psicodrama*. Campinas: Alínea.
- _____. (2011). *Psicossociologia Crítica: a intervenção psicodramática*. Curitiba: CRV.
- Gatti, B. A. (2002). *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. São Paulo: Plano.
- _____. (2010). Psicologia da Educação: conceitos, sentidos e contribuições. *Psicologia da Educação*, n. 31, 7-22.
- Kim, L. M. V. (2003). Psicodrama e Intervenção Social. *Revista Brasileira de Psicodrama (RBP)*, v.17-2, 25-32.
- Marineau, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno (1889-1974): pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo* (J.S.M. Werneck, Trad.). São Paulo: Ágora.
- Martins, L. M., & Pasqualini, J. C. (2015). Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 362-371.
- Moreno, J. L. (1974). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama: introdução à teoria e à práxis*. (A. C. M. Cesarino Filho, Trad.). São Paulo: Mestre Jou.
- _____. (1975). *Psicodrama* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- _____. (1983). *Fundamentos do Psicodrama* (M. S. Mourão Neto, Trad.). São Paulo: Summus.
- _____. (1984). *O Teatro da Espontaneidade* (M. S. Mourão Neto, Trad.). São Paulo: Summus.
- _____. (2008). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Edição do estudante. (M. Aguiar, Trad.). São Paulo: Daimon.

- Moreno, J. L., & Moreno, Z. T. (2014). *Autobiografia: J. L. Moreno* (L. Cuschnir, Trad.). São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. D. (2016). *Impromptu Man: J.L. Moreno e as origens do psicodrama, da cultura do encontro e das redes sociais* (Y.B. Datner, Trad.). São Paulo: FEBRAP.
- Nery, M. P., & Costa, L. F. (2007). Desafios para uma epistemologia da pesquisa com grupos. *Aletheia*, n. 25, 123-138.
- Pontes, R. L. (2018). *A relação educador-educando: um projeto psicodramático baseado em Morin e Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Romaña, M. A. (1987). *Psicodrama pedagógico*. Campinas: Papirus.
- _____. (2012). Sociedade de Controle e Pedagogia Psicodramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(1), 57-70.
- _____. (2019). *Pedagogia Psicodramática e Educação Consciente: mapa de um acionar educativo* (A. R. Dias, Trad.). Campo Grande: Entre Nós.
- Romanelli, N. A. (2011). Questão Metodológica na Produção Vigotskiana e a Dialética Marxista. *Psicologia em Estudo*, v.16, n.2, 199-208.
- Vigotski, L. S. (1930). A Transformação Socialista do Homem. *Especial Marxismo e Subjetividade*. (R. D. S. Barros, & M. D. Vecchia, Trans.). Recuperado de <http://www.pstu.org.br>
- Vigotski, L. S. (1995). *Obras Escogidas: problemas del desarrollo de la psique*. Vol. 3. Madrid, España: Visor.
- Vigotski, L. S. (2014). *Imaginação e Criatividade na Infância*. São Paulo: Martins Fontes.